

O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,
Em que o Sol pelos campos dilatados
Com terrível e fera galhardia
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Manoel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL. DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.	PUBLICA-SE ÁS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.	E COM ESTAMPILHAS.
Por um anno..... 2\$400	Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.	Por um anno..... 2\$920
Por seis mezes..... 1\$200	Os annuncios e correspondencias, devem ser remetidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.	Por seis mezes..... 1\$460
Por tres mezes..... \$600	Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.	Por tres mezes..... \$730
		Para o Estrangeiro accresce o porte.

BARCELLOS 27 DE AGOSTO.

Os senhores deputados por esta provincia, tem dignamente cumprido a sua missão e honrado o seu mandato, advogando no seio da representação nacional os verdadeiros interesses dos seus constituintes, e levantando ali a sua voz, como ecco fiel dos desejos e aspirações destes.

A necessidade da feitura de boas e faceis communicações entre os principaes centros da população das duas provincias do Minho e Traz os Montes, mereceo-lhes, como era de esperar, todo o empenho devido a tão importantissimo melhoramento.

A Provincia do Minho, a que

com razão e sem favor se dá o nome de jardim de Portugal, está ainda longe de possuir os melhoramentos de viação publica, que devem constituir o mais poderoso elemento de progresso economico e desenvolvimento das suas forças productivas, que a riqueza do sólo, e a actividade de huma população crescente e laboriosa asseguram, huma vez que se lhes facilitem os meios de communicação com os principaes mercados do paiz: porém deve confessar-se, que com quanto lhe falte muito para ter o que precisa, nesta parte, não é das desfavorecidas; e as vantagens colhidas dos melhoramentos que já possue, são abonação das que devem resultar-lhe

dos que ainda lhe faltão, quando realizados.

Mas não basta para que o Minho prospere, ter estradas só para communicação de todos os pontos da provincia entre si; é mister que as tenha para se communicar com as outras provincias, e fazer com ellas a permutação do mutuo interesse, que com a reciprocidade das vantagens trazem; a reciprocidade do bem estar publico, e do melhoramento na vida economica dos povos.

E' sobre tudo, com a provincia de Traz-os-Montes sua confinante, que a provincia do Minho mais carece de communicações faceis, que por assim dizer, ponham em contacto os principaes mercados de

FOLHETIM.

A pedido transcrevemos do «Independente o Folhetim que segue, e que só não apreciará devidamente, quem não leu ainda o lindo livro que tem por titulo

CONTOS AO LUAR

por JULIO CEZAR MACHADO

Contos ao luar! lindo titulo d'um livro.

Ha alguns, que apparecem com um titulo mais pomposo, do que o poema epico de Camões, ou a *Jerusalem libertada* de Tasso. Se o livro correspondesse ao nome, ainda bem; mas a maior parte das vezes deparamos com a razão inversa dos mathematicos.

Tenho visto outros que, debaixo do nome modesto que tomaram, encerram verdade, instrução, riqueza e gallas de estylo, que nunca o leitor esperou encontrar em albergue de tão simples apparencia.

Se agora algem me perguntasse:

—Quaes se devem preferir? os primeiros, ou os segundos?

Fazia uma distincção, com que me parece que V. Exc.ª não-de concordar.

Para aquelles que gostam de ter uma linda bibliotheca de virgens, aconselho os primeiros; porque onde só se busca a apparencia, o apparato é tudo.

Aquelles, porém, que querem os livros para os ler, para os estudar, para passar sobre elles os dias e as noites, devem preferir os segundos.

Mas os «Contos ao luar» a qual das classes pertencem? Que se pode julgar d'elles? Que é que os recommenda? Será o nome do author? Será o do livro? Será o estylo? Será o enredo? a graça? a belleza dos pensamentos?

Tudo isso.

No titulo «Contos ao luar» traduz-se a poesia alliada á modestia.

O author! Julio Cezar Machado! Quem é

que não conhece o immortal folhetinista da Revolução de Setembro?

Quem é que não tem ouvido dizer nos passeios, nos cafes, nos salões, em toda a parte:

—Ja leste os «Contos ao luar»?

—Ja. E não são lindos?

—Que estylo! que graça!.....

—Leste o folhetim da «Revolução» d'hoje?

—De quem é?

—D'elle, do Julio.

O sr. Julio Cezar Machado alcançou, e bem a merece, popularidade, que ninguem hoje lhe poderá disputar.

Que mais se poderá dizer do seu livro, com que enriqueceu a nossa litteratura contemporanea, do que: *em pouco mais de um mez fizeram-se em Portugal duas edicções dos «Contos ao luar».*

O escriptor é como o baixel lançado ao mar. As ondas da praia como que saudam o apparecimento de um novo campeão que vai sulcar o reino de Neptuno; são os primeiros trabalhos do escriptor laureados ás vezes com enthusiasmo. Ao passar a barra, trava-se mal ferida lucta entre o barco e as ondas, que lhe disputam a entrada no mar largo; são as vinganças mesquinhas, a estupidéz, a ignorancia, a inveja..... que de mãos dadas assaltam a reputação nascente do escriptor, e não podem levar a bem que elle saia da lama, em que ellas estão sopeadas. Depois de vencer as ondas encapelladas, que, elevando-se umas como montanhas, cavando-se outras como abysmos, se tinham como que apostado para o sorver, navega a barca tranquillamente pelo alto e sosegado argento; tal é o escriptor, que com a sua constancia, trabalho assiduo e longas vigalias ganhou um nome com que fez emudecer os zoilos, os quaes, depois de verem frustrados os seus intentos, lhe queimam incenso, esperando associar o seu nome ao do homem, que o publico festeja.

O author dos «Contos ao luar» cremos que

havia de passar pelo primeiro periodo da vida de quem escreve para o publico. Quando fez os primeiros versos, um folhetim, algum necrologio, havia de ter, de certo, alguns admiradores. Mais tarde havia tambem de provar o fel, com que a inveja o havia de mimosear. Hoje ja não há de faltar elogios bombasticos, que lhe prodigalitem alguns, que outr'ora o hostilizarão: é o signal infallivel de ter attingido o terceiro periodo.

Fallemos do livro.

O enredo de todos os romancesinhos é facil e simples, que encanta— a phrase é singela e sem pretensão—o estylo! oh! o estylo é o que mais o caracteriza. Nestes pequenos romances ha trechos em que o author deixa transparecer certa graça, certo *sal*, em que se aproxima do nosso Camillo Castello-Branco; ha outros, que fazem lembrar aquella *propriedade* do immortal Garrett; mas o todo do livro, esse forma um estylo, que é original, que é proprio, que é o estylo do nesso folhetinista.

Os «Contos ao luar» afiguram-se-me como a descoberta da America por Colombo, ou como a scisão do nó gordão por Alexandre. Como estas, elles parecem a producção mais simples, mais singela, mais facil, que se tem feito; mas como estas tambem, são sufficientes para dar nome ao seu author.

A moralidade, a virtude com o seu premio e o vicio com o seu castigo; este desenhado muitas vezes com cores lugubres e sombrias, mas sem offender a decencia nem expandir a imaginação das almas castas; aquella ora austera sem fanatismo, ora suave sem condescender com as paixões, tudo se encontra, tudo aproveita, e tudo torna interessante a leitura deste livro.

Bom é que entre os cultores da nossa litteratura moderna haja alguns, que assim saibam comprehender o romance.

Ao pé do «Monasticon» do sr. Alexandre Herculano, das «Viagens na minha terra» e do «Arco de Sanct'Anna» do visconde d'Almeida

ambas, que assim verão simultaneamente desenvolver-se os seus recursos naturaes.

Se de povo para povo da mesma provincia, é condição indispensavel de reciproco desenvolvimento e progresso, a facil communição que estreita as relações e fraternisa os interesses, que será entre duas provincias, limitrophes uma da outra, ricas ambas de recursos proprios, mas necessitadas de entre si permutarem os seus diversos productos, e de se ligarem pelas relações commerciaes?

Bem hajam pois os dignos representantes desta provincia, que fizeram valer a necessidade de boas estradas de comunicação entre o Minho e Traz-os-Montes, com o que se constituíram advogados das duas provincias do Norte, que tanto interessam com esse melhoramento.

Confiamos que não largarão mão do seu louvavel empenho, e que o governo, identificado como se acha, com o pensameto de promover tão urgentissimo melhoramento, lhe dará todo o cuidado que deve merecer-lhe.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA FAZENDA

Secretaria d'estado

1.ª Repartição

D. Pedro, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que a côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º O praso estabelecido pela carta de lei de 27 de Junho ultimo, para a cobrança dos impostos e mais rendimentos respectivos ao anno economico de 1861-1862, e applicação de seu producto ás despesas do estado, é prorogado até que sejam votadas as leis de receita e despeza para o referido anno economico.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O conselheiro d'estado, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço das Necessidades, aos 17 de Agosto de 1861. — El-Rei, com rubrica e guarda. — Antonio José d'Avila. — Logar do sello grande das armas reaes.

D. Pedro, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que as côrtes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º Todos os contractos por titulo oneroso poderão celebrar-se, pagando-se

mesma graça; mas com uma côr mais portugueza, e menos franceza.

De algumas phrases, como disse, pouco portuguezas as que entendendo que mais carecem de ser substituidas são aquellas em que se emprega a particula *se* para apassivar o verbo, quando o sujeito é pessoa, e não cousa, como se vê nas seguintes:

E todavia não se é mais (a).... (pag. 27)
Quando se é condessa e se nasce assim, aos trinta annos tem-se odio ao mundo! (b) (pag. 44).
 ha sempre desculpas para quem se não quer considerar (c)... (pag. 48).
 que se é obrigado a acceital-a como verdade (d) pag).

(a) O *on*, que os francezes empregam frequentemente, é difficil de traduzir bem para a nossa lingua, em todos os casos. E' d'aqui que resulta o gallicismo, em que incorreu o sr. Julio Cesar Machado. A phrase que citamos no texto é exactamente o

Et néanmoins on n'est plus.... dos francezes.

Não nos admira nada que o sr. Machado empregasse alguma expressão d'esta natureza, um pouco estranha á nossa lingua; porque temos visto empregal-as tambem alguns vultos da nossa litteratura moderna, d'aquelles, dos quaes nos bastava que fossemos a decima parte. Podem servir d'exemplo as seguintes:

Quando se é mãe extremosa.... até ao algoz se perdoa.
 quando especialmente se é impellido pela sua vigorosa vocação.....

... e, quando se estava mais embebecido....

(b) *Quand on est comtesse et qu' on nait ainsi, au trentième année on a de la haine au monde!*

(c) *on a toujours des excuses pour ceux qu' on ne veut point considérer*....

(d) *qu' on est obligé de l' accepter como une vérité.*

a contribuição respectiva, calculada sobre os valores que forem declarados pelos contractantes.

Art. 2.º As disposições do artigo 5.º das instrucções regulamentares de 12 de Outubro de 1860, para a liquidação e cobrança da contribuição de registo, é só applicavel ás transmissões de propriedade por titulo gratuito, operadas depois da publicação da carta de lei de 21 de Fevereiro de 1838.

Art. 3.º Os contractos de transmissão de propriedade movel ou immovel, isenta do imposto respectivo pelas leis de 21 de Fevereiro de 1838 e 12 de Dezembro de 1844, poder-se-hão effectuar, declarando a parte que verificar a transmissão que os bens ou valores transmittidos não estavam sujeitos ao pagamento de contribuição alguma anterior.

§ unico. Se esta declaração for simulada, o author da simulação ficará sujeito ás penas que a lei commina aos que praticam actos simulados, e bem assim pagará como multa o duplo dos direitos que dever.

Art. 4.º Fica assim alterada a disposição do § 2.º do artigo 11.º da carta de lei de 30 de Junho de 1860, declarado o artigo 5.º e § unico das instrucções de 12 de Outubro de 1860, e revogada toda a legislação em contrario.

Mandamos por tanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

O conselheiro d'estado, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, a faça imprimir, publicar e correr: Dada no

Tenho na vida como se tem nos campos (e).... (pag. 93).

Tambem notei outras phrases, que eu, se crevesse n'aquelle sentido, de certo modificava; mas essas quasi que não vale a pena local-as, como são estas, por ex.:

..... a gloria dos Richelieu, dos Mazarin, dos Pombal, ou dos Cromwel.....

..... os Roberto, os Cartouches, os João Beauvais, ou Diogo Alves.....

Eu poria no plural todos estes nomes proprios, como fizeram os nossos classicos (1).

Deixando porem estas ninharias, que comparadas com a simplicidade do estylo, com os bellos pensamentos, e com os sorrisos e as lagrimas, que n'este livro avultam, e que só o *engenho e a arte* podiam combinar; deixando, repito estas ninharias que não valem nada, concluirei, approvando o bom gosto de V. Ex.ª se já leram os «Contos ao luar»; e se ainda os não leram, aconselhando-lhes que se apressem a comprar um livro, que reúne sentimento instrucção e recreio.

Gonçalo A.

(e) *J' ai dans la vie, comme on a dans les champs.*

(1) De maneira que vejo hoje dois prelados da ordem do meu glorioso padre S. Domingos, prelados santos e religiosos, convertidos hoje em Platões e Tullios (Luiz de Sousa Vid. do Arceb. Tom. 1. liv. 1 cap. 23).



Garrett, e de tantos romances do nosso primeiro romancista, cremos que não de figurar um dia os do sr. Julio Cesar Machado. Não queremos dizer que elle escreva um segundo «Eurioco»; no romance, como em todos os generos de litteratura, ha pontos communs, e tambem os ha que carecterisam os filhos das letras.

Se a França se ufana com os «Martyres» de Chateaubriand, com o «Paulo e Virginia» de Bernardin de Saint-Pierre; se a Inglaterra nos aponta orgulhosa para o «Vigarlo de Wakfield» de Goldsmith, para o romance poetico «A peregrinação de Childe-Harold» de Byron, para o romance em verso «Sir Tristam» para o «Talisman» e muitos mais do grande romancista Walter Scott; se a Germania mostra vaidosa «Delphina e Corinna» de M.^m de Stael, e o celebre Werther de Goethe, tambem Portugal lhes pôde apresentar Camillo Castello-Branco para competir com qualquer dos primeiros romancistas, e Julio Cesar Machado e mais alguns como jovens em quem a litteratura deposita as suas bem fundas esperanças no genero do romance.

Permitta-me agora o illustre folhetinista que lhe diga com sinceridade, que não gosto de ver afogado nas aguas do Mendego o Pedrinho do segundo romance, nem mesmo o suicidio do brasileiro de Leça da Palmeira, precipitando-se nas ondas; porque me parece pouco conforme á eschola moderna, que banii de si os assassinatos e os suicidios, que formavam quasi sempre na eschola antiga o desenlace do drama e do romance.

Advirta-se, contudo, que o romancista tem hoje o poder dos antigos imperadores da poderosa Roma, tem o — *ius vitae et necis* —.

Pelo que diz respeito á linguagem, sem que eu seja *amador ferrenho da vernaculidade*, parece-me que o livro não perderia nada se substituisse algumas phrases pouco portuguezas por outras que legitimamente o são, e que exprimem os mesmos sentimentos e as mesmas ideias com a mesma energia, com a mesma força, com a

paço das Necessidades, aos 17 de Agosto de 1861.—El-Rei, com rubrica e guarda.—Antonio Joze d'Avila.—Logar do sello grande das armas roaes.

EL-REI NO PORTO.

A iniciativa da Sociedade Agrigola do Porto, em 1857, está dando os fructos que devia; a sua primeira exposição tem-se seguido outras, e como derradeira, a presente exposição industrial, que atrahiu a esta cidade Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro v.

Com effeito, no dia 21 de agosto, neste dia celebre nos fastos da liberdade, e gravado nos annaes do Porto, como um dos seus mais illustres feitos, chegou S. Magestade com seu augusto Irmão ao alto da Bandeira, em Villa Nova, d'onde, depois de descansar e tomar alguma refeição em casa do snr. Diogo de Macedo, partiu para fazer a entrada nesta cidade. Com effeito, por volta de 3 horas e meia os sinos, as salvas e as girandolas annunciavam a população que El-Rei chegara á Ribeira; ali o concurso de povo era tal, que a carroagem sómente pôde caminhar muito vagarosamente até ao pavilhão, onde a camara municipal recebeu o sympathico Monarcha, e offereceu as chaves da cidade, dirigindo nesta occasião o presidente a seguinte felicitação:

«SENHOR!

«Outra vez o Porto recebe a honra da visita de V. M., outra vez nos cabe a gloria de saudar e dar as boas vindas a V. M., e de agradecer esta nova distincção que devenos á Benevolencia de V. M., e com a qual a camara e o povo deste municipio se julgam summamente lisongeados.

«V. M., sempre desvelado em prover o bem estar dos seus povos, e em proteger as artes e industria, dignou-se apesar da distancia, vir, acompanhado do serenissimo senhor infante Duque de Beja, assistir á inauguração da Exposição Industrial Portuense.

«Approve assim a V. M., honrar este elemento eminentemente civilizador, e com a sua presença dar-lhe maior estimulo e realce, e tornar a nossa festa d'industria em festa nacional e de completo jubilo para todos.

«Acceite V. M., a expressão do nosso mais profundo e respeitoso reconhecimento.

«Esta concurrencia, Senhor que espera a V. M., não é atrahida pela curiosidade, mas sim pelo vehemente desejo, que todos tem de saudar o seu Rei — o Supremo Chefe do Estado, e significar-lhe a sua gratidão pelos beneficios do passado, e a sua esperança no futuro.

«A Heroica e Sempre Leal Cidade do Porto, berço da liberdade, identificada com a Augusta Dinastia Reinante e com tudo quanto pôde concorrer para o maior esplendor do Throno de V. M., enche-se do maior orgulho por receber dentro de seus inexpugnaveis muros, neste dia de tão gloriosa recordação para os portuenses, tão Augustos Hospedes, e mostrar mais uma vez que em respeito e dedicação ao seu soberano não cede a nenhuma outra.

«Digne-se, Senhor, acceitar para V. M., para Seu Augusto Pae El-Rei o Senhor D. Fernando, aquem todos os portuguezes amam com tanto respeito como reconhecimento, para este Augusto Principe, e para toda a Familia Realas respeitadas homenagens da camara e do Povo deste municipio, de quem sou imperfeito órgão; e permitta-me V. M., que em penhor da nossa submissão e lealdade, tenha a honra de pôr nas mãos de V. M., as chaves da cidade.

«Porto 24 de agosto de 1861.

Visconde de Lagoaça. »

S. M. respondeu ao snr. presidente, dizendo que não tinha expressões bastantes para agradecer á camara, a elle, e ao povo, a recepção que lhe faziam, e á qual ficaria eternamente reconhecido. »

A correspondencia que segue só nos veio á mão no dia 25 e por isso a não publicamos no sabbado como era regular.

PORTO 23 DE AGOSTO DE 1861.

[Do nosso correspondente.]

SS. M. e A. pernoitam hoje em casa de Bernardo da Costa Souza Pinto Basto, em Oliveira d'Azemeis. Entra aqui amanhã ás 4 da tarde. O ministro das Obras Publicas chega no domingo ás 6 da manhã, e tambem o Salamanca, e o enviado extraordinario do rei d'Italia. Ha já quem offereça 2 e 3 libras por um bilhete de plateia para o theatro de S. João, e 5 e mais libras por um camarote, mas sem resultado.

O hymno da independencia, que se projectava cantar, foi prohibido pela authoridade, pois a letra é forte de mais, e cheia d'inconveniencias para a occasião. Diz-se que o Rei vai no sabbado ao theatro de S. João, no domingo ao theatro Baquet. As ovações que se preparam serão falladas. A exposição inaugura-se no domingo ao meio dia. Para preparar o *lunch* real, que a Associação industrial offerece ao rei, veio de Lisboa o afamado Culinario Matta.

As festas das ruas do Almada, Flores, e Clerigos promettem.

Não ha já, por mais que se procure uma só lanterna para luminarias, vendeo-se tudo quanto havia, e quanto os feitores podem vender.

E' immensa a gente que aqui afflue de todos os pontos, e principalmente de Lisboa; e até muitas familias hespanholas. As hospedarias estão abarrotadas, e a gente que vem chegando acha difficuldade em obter alojamento.

Ha bailes na Assembleia Portuense, e na Feitoria Britanica, que provavelmente se darão quando o rei regressar de Braga, para onde partirá na 2.^a ou 3.^a feira.

Tenciona tambem visitar as obras do Caminho de ferro.

Por cá anda tudo num grande alvoroço. Temos festas a valer; das quaes opportunamente fallaremos. Foram aprovados os estatutos da Sociedade do Palacio de Christal.

A exposição está brilhantissima, e até magestosa.

Sabemos agora mesmo que o rei não vai a Braga antes do dia 28, e que acceita o *lunch* que o arcebispo-lhe offerece no Senhor do Monte.

COMMUNICADO

Posto que pequena, Villa Nova é hoje uma villa animada, espirituosa e litterata.

Litterata, sim, senhor! Ja tem dous jornaes, manuscriptos, ja se vê; mas que revelam um amor decidido pelas lettras.

E essas cœgas da litteratura tambem em mim as hei sentido.

E tão fortes, tão fortes, que não pude resistir á tentação de chronicar, pois vá lá, de chronicar o que se vai e irá passando nesta feiticeira terra.

Começarei por lhe dizer, meu caro redactor, que a funcção do Sacramento foi em todos os sentidos pomposa, e magnifica.

A illuminação foi vistosa, e de um effeito surprehendente. Cabe aqui dar mil encomios ao snr. M. G. da Costa Sá, pelo bem que desempenhou a sua missão. Sua senhoria gastou a maior do seu bolço, para mais de 120\$000 reis. Pode porém ter a gloria de que foi a melhor illuminação, que muita gente, e de muitas partes, ha visto em sua vida. Não são hyperboles. E' a verdade descarnada.

O fogo tambem foi muito e bom. A musica, ahí dessa terra, tocou peças de merecimento. O que porém arrastou tudo atrás de si foi a phylharmonica dessa terra tambem.

Muitas das nossas bellas vi eu baterem o pezinho, como chocadas pelas vibrações harmonicas de tão linda serenata. Percebi em muitas outras immensos arrepios de saltarem a terreiro, e começarem a pular. Isto é para verem que tambem temos cá damas de sentimento, e de uma alma elevada; de um coração poetico, e tragico até, algumas vezes. Neste numero está a elegante menina — S., a interessante piannista — A. F., e a rainha — dama cá da terra, a gentil T. Pimentel.

Mas tambem temos saloias estupidas e atrevidas, como alguns homens *di lá*, que, depois de espiritualizados pelo subtil gaz de uma cervejada ingleza, nos andam a matar em toda a parte com questões theologicas. Sobre isto temos muito que escrever, mas não hoje.

E que ja me hiam esquecendo as palradoras (espirituosas, não, não, e não) e scismadas — P.!! Pois acreditem que não era intenção minha entregal-as ao olvido! Não, não era. Palavrinha de honra que não era!

O peor é que me hia perdendo com as mulheres, e que me esquecia de continuar com a noticia da festividade. O templo estava soffriavelmente adornado. Na igreja ninguem se podia mecher com povo no domingo, que no sabbado nas vesperas, pequena foi a concurrencia.

O orador tanto no sabbado, como no domingo, foi o reverendo abbade de Requião, e prêgador regio, José Vieira e Souza. Sua senhoria, foi sempre eloquente, e tocou, por vezes o sublime do pensamento, e, não menos, o sublime do sentimento.

Na procissão houve a melhor ordem, e regularidade possivel.

Foi em fim uma funcção de arromba.

Nem outra couza era de esperar de tão briosa corporação. Veremos como se sahem para o anno os novos juizes, o snr. abbade de S. Thiago d'Antas, e o nosso Sá Miranda; mas é de crer fiquem alguma coisa inferiores. O que não admira.

Isto pelo que diz respeito á funcção.

São já grandes os preparativos para a recepção de Sua Magestade que já se sabe será 5.^a feira com certesa.

Em casa do snr. Trubisqueira anda tudo em uma roda viva. El-rei hospeda-se, tanto na ida a Braga, como na vinda em casa deste rico capitalista. Por hoje nada mais. Até breve. Adeus.

Villa Nova de Famelico 26 d'Agosto.

Silvano.

NOTICIAS DIVERSAS.

HORROROSA DESGRAÇA. — Na aldeia de Santo Aleixo, concelho de Veiros, diz a «Voz do Alentejo», aconteceu a seguinte desgraça bem digna de lamentar-se: Maria Vicencia, viuva, com cinco filhos menores, no dia 14 do corrente pelas 6 horas da tarde, foi espalhar o lume ao seu forno que era dentro de uma quadra aonde estava uma porção de junça secca e saindo na occasião de espalhar o lume, alguma labareda de fogo, foram incendiar rapidamente a junça secca; a desgraçada mulher que viu isto, gritou aos filhos que trouxessem agua, mas que coincidencia tão fatal! nem pinga de agua havia em casa; as creanças vendo o incendio gritaram pedindo socorro aos vizinhos, mórmente vendo a afflicção de sua mãe, envolvida no fogo. Esta infeliz não tendo recurso contra o fogo cahiu suffocada com o fumo e perdeu os sentidos; em seguida acudiram os vizinhos e tiraram a malfadada mulher do centro da quadra num estado horroroso, e que cumpriu a todos os espectadores que presenciaram este doloroso quadro. O fogo devorou as pernas, braços, nariz e orelhas da infeliz mulher; o cheiro a carne queimada era insuportavel, e tanto que não pôde ser depositada na igreja, sendo preciso dar entrada no cemiterio aonde foi depositada e no dia seguinte sepultada, tendo por mortalla o cobertor em que estava envolvida depois de tirada do fogo, pela difficuldade de não se poder amortilhar. Esta desgraça consternou o reverendo prior José Dias de Miranda e os seus parochianos.

COMMUNICADO. — Recebemos um do Reverendissimo Snr. Abbade do Louro, que não publicamos hoje por falta d'espaco, mas que publicaremos para o numero seguinte; pedimos desculpa d'esta falta.

OUTRO. — Recebemos outro communicado d'um nosso amigo d'esta villa em que descreve concisamente a festa, que houvera em Villa Nova de Famelicão; não o publicamos por falta d'espaco; hirá em o numero seguinte.

FESTIVIDADE. — Foi sabbado e domingo a linda festa do SS. Sacramento em Villa Nova de Famelicão.

A illuminação era d'um effeito tão surprehendente como ainda não vimos outra; estendia-se pela rua de Santo Antonio, desde a bocca da rua até ao largo da matriz. Nas vesperas e no dia a musica de coro desempenhou cabalmente; o nosso patricio Revd.º Reitor de Requião prégou nas vesperas e no dia.

Pelo arraial locou uma linda serenata d'alguns philarmonicos, mnito lindas peças, que agradaram muito; e contribuiu para que as varandas das casas d'aquella rua se vestissem de bellas villanovenses, que no meio de tão linda e vistosa illuminação fazião da rua jardim de camelias.

VISITA REAL. — He amanhã que S. M. El-Rei chega a Braga aonde se demora até o sabbado.

TELEGRAPHIA ELECTRICA. — Rendimento do mez de Julho: De 1 a 15, de 22 despachos particulares 7:210 reis, e de 16 a 31, de 27 ditos 18:050 reis. Somma 25:260 reis.

ERRATA.

No numero antecedente, na primeira pagina, e 1.ª columna onde se lê — De 20 réis nos recibos e quitações de valor superior a 4\$5000 réis e não excedente a 100\$000 réis — deve ler-se — De 20 réis nos recibos e quitações de valor superiores a 4\$500 réis e não excedente a 100\$000 rs.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Despachos Telegraphicos.

Turin, 17 d'agosto. — N'um artigo do seu numero de hoje, a *Opinione* diz que o general Cialdini recordara ao seu governo que só accetara a logar-tenencia de Napoles provisoriamente, sendo a sua intenção conservar o commando militar para effectuar a missão de purgar o paiz das guerrilhas, e não de se occupar do governo civil. A «Opinione» acrescenta que o general pedira agora que fosse nomeado um novo lugar-tenente, e que entre outros motivos de sua resolução, apresenta o dissentimento que se suscitou entre elle e M. Cantelli, por occasião das demonstrações que tiveram lugar contra os deputados napolitanos. O general continuará a reger a logar-tenencia até que o ministerio designe alguém para este posto.

Idem. — As noticias de Roma, de 14 d'agosto, annunciam que, apesar dos esforços da policia para impedir a subscrição clandestina para o monumento de Cavour, ella já passa de 9,000 fr. (1:440\$000 reis.)

Participa-se de Napoles a 17 de agosto: «As noticias de Avelino dizem que os reaccionarios por toda a parte são derrotados e postos em fuga. Em Castellamare foram prezos 29 padres e tres frades. Em Sorrento, Riano e Almafí foram prezos al-

guns prégadores, e entre elles o vigario geral de Sorrento.»

A *Gazeta Official* de Turin publica a annullação do contracto Talabot, continuando as obras a cargo do governo. O ministro das obras publicas partirá domingo para Napoles.

Os 5 por 100 piemontezes foram negociados de 71 fr. 90 c. a 71 fr. 50 c.

Turin, 18. — E' falso o boato da demissão do general Cialdini, que permanece no seu posto até completar a sua missão. MM. Cantelli e Blasio deram a sua demissão; porém não se retiram sem que o governo os mande substituir.

Napoles, 18. — Nas montanhas, perto de Canello, as tropas cercaram e fizeram prisioneira, depois de alguma resistencia, uma partida de reaccionarios, commandada por Cipriani.

Constanlinopla 17.

A commissão da Herzegovina è decididamente dissolvida. Assegura-se que a influencia da Rússia concorreu bastante para esta medida, sendo agora inevitavel o restabelecimento das hostilidades entre as tropas turcas e os insurgentes.

O commercio de Constantinopla assigna actualmente uma petição, a fim de pedir que volte ao ministerio do commercio, Ethem-Pachá.

Pariz, 20. — O chefe dos insurgentes da Herzegovina, pediu a intervenção do commissario russo para começar as negociações de paz, no que conveio Omer-pachá.

Baden, 20. — O rei de Prussia e o principe de Beden visitarão o acampamento de Chalons.

Pariz, 20. — O Sultão viajará proxima-mente pela França e Inglaterra.

Turin, 20. — Se Cialdini não retirar sua demissão, Victor Manoel offerece o commando a Garibaldi.

ANNUNCIOS.

PELO cartorio do escrivão Cruz, correm editos de sessenta dias, desde 13 de Agosto, a citar o auzente em parte incerta no imperio do Brazil, Manoel José Martins, filho do fallecido Francisco da Costa Cruz, e de Rosa de Amorim, da freguezia de Cossourado, para juntamente com os demais seus irmãos fallarem na segunda audien-cia posterior ao referido praso, a artigos de habilitação, por fallecimento daquelle seu pai, na acção que lhes promovem Antonio Martins e mulher, da freguezia de Mazarfes, julgado de Vianna, com a pena da mesma seguir á sua revelia. (155)

PELO cartorio do escrivão Alva-Prenga, correm editos de 30 dias a chamar os credores certos e incertos que tiverem direito á quantia de 221\$500 réis, depositada por Manoel José Barboza desta villa no deposito publico, como ar-

rematante de uma casa com seu quintal, sila na rua dos Ferreiros, e que foram do fallecido José Antonio dos Santos Ferreira Barboza, por aquelle arrematadas no inventario que por morte delle se anda fazendo. (154)

PELO cartorio do escrivão Sarmento, se procede a inventario por morte de Francisco Martins, da freguezia de Aborim; toda a pessoa que se considerar credora do cazal inventariado, deduza o direito que lhes assistir no praso de 30 dias a contar da data deste, juntando seus titulos, pena de lhes não serem attendidos. (163)

ARREMATACÃO.

NO dia vinte e nove do corrente, por 9 horas da manhã, na praça publica desta villa, se tem de proceder na arrematação dos rendimentos da quinta chamada das Capellas, provenientes em pão, vinho, fructas, erva e matto, avaliados em 74\$900 réis, na execução que Manoel José Gomes, viuvo, desta villa, move contra Antonio de Campos, e mulher, desta mesma villa.—Escrivão Lima—.(158)

CASA FELIZ PORTO

Loteria da Misericordia de Lisboa.

4.ª EXTRACÇÃO DO 3.º TRIMESTRE.

SORTE GRANDE

R\$ 10:000:000

CUNHA & RORIZ

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Junho de 1860.

Teem á venda nas suas casas de Cambio, rua das Flores n.º 1 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.º 96, bilhetes inteiros, a 6\$600, rs. meios ditos, a 3400, rs. quartos, a 1700, rs. e cautelas de 500 rs. e 250, rs. cuja extracção terá lugar no dia 24 de Agosto.

Satisfazem todas e quaesquer encomendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe em vales do correio; e remetttem aos seus freguezes as listas dos premios.

OS MESMOS venderam da ultima loteria os seguintes premios em bilhetes inteiros, e parte em meios ditos, quartos e cautelas de 500 e 250 rs.

1994 — 200\$000	1564 — 100\$000
595 — 100\$000	4307 — 100\$000
1353 — 100\$000	4317 — 100\$000
1356 — 100\$000	4678 — 100\$000